



Discussão 2

A importância de brincar



No Capítulo 2 da História do Pequeno Reino

A Rainha frustra-se porque não consegue fazer o planejado com seus pequenos Súditos, mas tem uma grande surpresa ao ver a riqueza de suas brincadeiras, de suas conversas, de suas imitações. Dessa surpresa vão surgir mudanças profundas no Pequeno Reino...



Brincar é bom para o desenvolvimento infantil. Quando o ambiente oferece condições materiais, segurança e incentivos, as crianças adoram brincar com os objetos e entre si. Elas tendem a se reunir espontaneamente em pequenos grupos para fazer coisas como empilhar caixas, brincar com fantoches, fingir que dão comida para as bonecas, etc.

Pesquisadores observaram esse tipo de comportamento até mesmo em grupos de crianças com menos de um ano e que nem falavam ainda. Claro que isso só acontece se as crianças estiverem reunidas, se tiverem espaço e materiais para brincar e se os adultos deixarem que elas brinquem, mostrando interesse pelo que elas fazem.

Ou seja, aqui encontramos a justificativa para um dos conselhos que você encontra mais vezes, ao longo de toda esta proposta: em vez de combater o desejo infantil de brincar, procure caminhos para que as crianças brinquem cada vez mais, de formas cada vez mais diversas...



Ideias e Sugestões

Nesta segunda discussão o foco maior é sobre teorias que falam sobre a importância fundamental do brincar, e você encontra menos sugestões práticas do que em outras discussões desta proposta.



Brincar, um recurso para educar crianças de todas as idades

A ideia de colocar na base de todo o trabalho educativo o desejo de brincar e de interagir pode ser útil para pensarmos não apenas sobre a educação dos bebês, mas também de todas as crianças, inclusive de grupos que já frequentam os primeiros anos do Ensino Fundamental.

É importante lembrar também que, qualquer que seja a idade de uma criança, quando ela se concentra e se dedica a qualquer espécie de jogo, esse se torna algo muito sério para ela e isso resulta em um tipo de atividade que pode ser comparado a um trabalho muito produtivo, em termos de resultados de aprendizagem.

Claro que existem diferenças importantíssimas no tipo de brincadeiras que podem ser realizadas em cada idade. A partir da Discussão 6, nós vamos ver muitos exemplos que mostram que, quanto mais velhas as crianças, mais profundamente podem ser explorados os conteúdos dos jogos e a cooperação entre elas.



Um pouco de teoria – por que brincar é essencial?

Vamos discutir agora, rapidamente, algumas ideias de psicólogos que consideram fundamentais as brincadeiras das crianças entre si e com os objetos.



1. Piaget e os pós piagetianos

Para alguns, as brincadeiras são importantes porque nelas as crianças desenvolvem suas habilidades para lidar com as coisas, aprendem a controlar os seus movimentos e aumentam seu conhecimento dos objetos, de suas propriedades e relações. As crianças que brincam com os objetos, que tentam fazer ações, como equilibrar, encaixar, balançar, rolar e muitas outras, estão construindo seus conhecimentos sobre o mundo físico e, a partir da elaboração e da combinação de suas experiências e ações, também constroem as bases de seu desenvolvimento intelectual.

Quanto menores as crianças, mais importantes são as experiências em que elas podem explorar e manipular os mais diferentes objetos e materiais. Como veremos na próxima discussão, brinquedos e materiais de sucata são alguns dos melhores materiais que podemos oferecer às crianças pequenas.

Os pesquisadores e pedagogos que defendem essas posições são influenciados pelas ideias de um dos fundadores da psicologia cognitiva, ou psicologia da inteligência, o suíço Jean Piaget (1896–1980). Eles dizem também que, porque as crianças têm vontade de brincar umas com as outras, elas discutem entre si, dividem papéis, trocam opiniões sobre o significado dos objetos, desenvolvem regras de convivência, tornam-se mais ativas e inteligentes.

As aplicações dessas ideias às pesquisas e à educação infantil foram desenvolvidas principalmente por um centro francês de experiências em educação, o *Cresas*, que trabalhava com creches e com escolas (você encontra referências ao trabalho do *Cresas* em nossas Referências Bibliográficas, que também estão disponíveis aqui, no endereço www.lucapr.com.br. Procure nos livros em português e em francês as obras que tem como autor *Cresas* e, também, nas obras em francês, os livros de *Cohen* e os de *Stambak*).

Muitos pós piagetianos insistem no papel dos jogos como meio de socialização das crianças. Isso acontece porque ao brincar coletivamente, dividindo papéis (por exemplo: polícia e ladrão), discutindo o significado dos objetos do jogo (por exemplo: o cabo de vassoura é uma espingarda), criando histórias juntas (por exemplo: quando as crianças preparam a comida para as bonecas, ou quando várias delas se fantasiam para fazer uma dramatização) e respeitando as regras do jogo (por exemplo: ficar parada quando brinca de "estátua" ou "mãe-cola", apesar da vontade de correr), a criança está aprendendo a cooperar com os outros, a dialogar e está desenvolvendo seu raciocínio e sua criatividade.

Vale lembrar que esse modo de socialização é essencial porque é democrático: a criança discute e aceita as regras porque ela quer brincar. Isso não tem nada a ver com o adulto obrigá-la a jogar ou a agir de uma maneira determinada.



Como educar, para os piagetianos? Promovendo interações!

Para muitos pedagogos que se inspiram nas ideias piagetianas, é brincando entre si, em um ambiente no qual o adulto zela carinhosamente pelo respeito de certos limites (como: não quebrar as coisas, não agredir o outro com violência, etc.), que as crianças podem se socializar da maneira mais saudável, inteligente e democrática. Essa questão é debatida mais em detalhes na Discussão 5.



2. Vigotski e a corrente sociocultural

Os psicólogos e pedagogos influenciados pelas ideias de um dos pais da psicologia sociocultural, o psicólogo bielo russo (na ex União Soviética) Lev Semenovitch Vigotski (1896–1934), dizem que o jogo é a atividade que provoca o desenvolvimento infantil, que dá origem à imaginação e à inteligência criativa.

Começando como uma simples imitação de atividades realizadas com ou pelos adultos (como quando, por exemplo, uma criança penteia uma boneca), o jogo pode se tornar cada vez mais diversificado e complexo, principalmente a partir do momento em que a criança começa a usar as ações e a linguagem para inventar novos significados para os objetos, por exemplo, quando chama de "cavalo" um cabo de vassoura, ou quando transforma areia ou terra em "comida".

As experiências vividas pelas crianças reaparecem em seus jogos. Quanto mais ricas e produtivas forem as experiências das crianças, mais ricas e produtivas poderão se tornar suas brincadeiras. Nesta proposta, principalmente a partir da Discussão 7, nós falamos sobre como essas tendências do jogo infantil podem ser exploradas de forma a facilitar inúmeras aprendizagens.

Na décima sexta discussão você encontra um pouco mais de detalhes sobre as ideias de Vigotski a respeito do jogo simbólico infantil e sobre a importância da imaginação. Se você está interessada(o) nesta questão, sugerimos uma consulta ao primeiro item da Discussão 16.



Freud falando, mas parece Vigotski. Esta apresentação curtíssima pode ser encerrada com uma citação de Freud – sobre quem falamos a seguir – que resume com precisão a visão de Vigotski sobre o jogo simbólico infantil:

As crianças durante toda a sua infância sentem-se fustigadas pelo desejo de crescer e de fazer o que fazem os grandes. Esse desejo reflete-se em todas as suas brincadeiras.¹



3. Freud e a Psicanálise

Para encerrar esses breves comentários teóricos sobre a importância do jogo, vamos falar rapidamente sobre ideias de um outro grupo de pessoas ligadas à educação infantil, influenciado pelo pai da psicanálise, o austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e por outros psicanalistas, como o inglês Donald D. Winnicott (1896-1971).

Esse grupo insiste sobre a importância do jogo para que a criança possa expressar seus desejos mais íntimos, para que possa descarregar sua agressividade e para a construção de sua liberdade.

Os psicanalistas dizem que impulsos agressivos são normais no desenvolvimento de toda criança e é importante que elas possam descobrir que, brincando e falando, essa agressividade pode ser descarregada sem que ninguém saia machucado de verdade.

Vejam um exemplo: uma criança pode querer ficar sempre com sua mãe e, por isso, essa criança sente ciúmes de seu pai. Por momentos, ela vai até desejar que ele “desapareça”. Mas ao mesmo tempo, ela tem medo de que seus sentimentos se tornem realidade e sente culpa por causa desses sentimentos agressivos. Isso pode bloquear seu desenvolvimento. Os psicanalistas dizem que é muito importante que a criança possa descarregar essa agressividade de maneira simbólica, brincando e falando. Assim, a criança do nosso exemplo pode fazer coisas como brincar de enterrar um soldadinho na areia ou desenhar uma figura de adulto e depois rabiscá-la.

Esses autores falam da necessidade de se respeitar a criança que brinca sozinha, de procurar aceitar sempre essa violência que pode aparecer em seus jogos, como, por exemplo, quando “atiram” em nós com um revólver de brinquedo, batem em uma boneca ou brincam de “cozinhar” soldadinhos.

Mesmo sem sermos psicanalistas, essas ideias podem ser altamente benéficas para as crianças e, com um pouco de bom senso, podem ser facilmente colocadas em prática.



Transformando sofrimento passivo em brincadeira ativa

Outro fator importante do jogo, sobre o qual tanto Freud quanto Piaget insistiram, é que nele a criança que sofreu alguma ação passivamente pode se tornar ativa, ao revivê-la em seus jogos.

Assim, por exemplo, uma criança que levou uma injeção pode passar horas brincando de dar injeções, usando um lápis ou caneta como “seringa”, em uma boneca. Uma brincadeira como essa ajuda a criança a se recuperar do trauma que uma visita ao hospital pode ter causado.



Essa visão do valor do jogo simbólico infantil nos leva a uma pergunta importante:

Devemos, ou não, deixar que as crianças brinquem de guerra?

Atualmente, muitas escolas de educação infantil estão tentando coibir todas as brincadeiras em que as crianças dramatizam cenas violentas e proibindo que elas tenham brinquedos como revólveres ou espadas de plástico.

A ideia parece ser boa: se não brincarem em jogos de faz de conta violentos hoje, não serão pessoas violentas amanhã. Parece uma boa ideia, mas não é! Na verdade, qualquer psicólogo sabe que essa ideia está totalmente errada.

Pode parecer estranho, mas, se queremos crianças menos violentas, devemos deixar que elaborem fantasias, descarreguem suas frustrações e agressividade em jogos de faz de conta.

Um exemplo disso foi visto logo após os terríveis atentados de 11 de setembro de 2001 quando, em todo o planeta, crianças fizeram brincadeiras em que “aviões” de brinquedo explodiam “torres”...

1. Sigmund Freud. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Rio de Janeiro: Imago, 2001, página 86. Essa obra é citada nas Referências Bibliográficas desta proposta, também disponíveis em www.lucapr.com.br.



Essas crianças não estavam tornando-se mais violentas, pelo contrário, estavam lidando com imagens extremamente violentas e traumáticas mostradas em suas televisões. Proibir essas brincadeiras teria sido uma boa ideia? Claro que não.

Tentando proibir os jogos violentos estamos dificultando a vida das crianças. Isso porque é brincando que uma criança pode aprender que sua agressividade não afeta a realidade, que desejar a morte de alguém, por exemplo, não significa que esse alguém irá morrer. Nos jogos, pode-se morrer e, o que é muito mais importante, ressuscitar à vontade...

Na imensa maioria dos casos, quando as crianças podem brincar com suas fantasias agressivas em pouco tempo desenvolvem uma plena consciência da diferença entre a violência de brincadeira, dramatizada em seus jogos, e a violência de verdade.

Quando uma escola de educação infantil tenta proibir jogos de violência e com armas, certamente encontra muitas dificuldades.

A agressividade proibida nos jogos irá aparecer em outras atividades, como nos desenhos ou, o que é muito pior, de forma não simbólica, resultando em violência e agressividade de verdade e não de brincadeira!

Repetindo: Ao proibir a violência de brincadeira, estamos nos arriscando a aumentar a agressividade de verdade...



É claro que não estamos sugerindo que as crianças só brinquem de jogos de faz de conta com violência, ou que esse tipo de jogo seja estimulado, mas certamente ele deve fazer parte do conjunto de atividades que as crianças podem praticar, em seu tempo conosco.

As indicações dos psicólogos sobre um bom desenvolvimento infantil têm implicações pedagógicas muito claras:

- **Ao mesmo tempo em que temos que definir limites e coibir a violência física real entre as crianças, podemos permitir e até criar meios para facilitar a expressão simbólica da violência.**

Ou seja: não precisamos incentivar as dramatizações de violência, mas também não precisamos reprimi-las.

Como sugestão concreta, podemos dizer que existe um método simples para saber se é necessário coibir a atividade "violenta" das crianças. Basta, quando elas estiverem brigando, perguntar-se: "mas elas estão brigando de verdade ou é de brincadeira?"

Se for de verdade, devemos interromper; se for de brincadeira, não é necessário. Por incrível que possa parecer, talvez a melhor coisa que um adulto pode fazer, se uma criança atira nele com um revólver de brinquedo, é entrar na brincadeira, colocar as mãos no peito e morrer de mentirinha...



Não há espaço para desenvolver aqui essas ideias muito importantes, que são discutidas em mais detalhes em um artigo² que você pode consultar aqui mesmo e no interessantíssimo livro *Brincando de matar monstros*, de Gerard Jones, cuja leitura recomendamos. Sobre essa questão um livro básico e sempre relevante é *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bettelheim, que também aparece nas referências bibliográficas desta proposta.



Resumindo

Podemos concluir esta discussão repetindo a ideia mais importante dessa proposta pedagógica: as crianças gostam de brincar e brincar é bom para elas.

Quando as crianças brincam entre si, ou sozinhas, não estão "perdendo tempo", mas sim construindo uma série de conhecimentos e de habilidades importantíssimas, ao mesmo tempo em que podem reviver e resolver uma série de conflitos emocionais, brincando na presença de adultos que se interessam por seus jogos.



2. Você pode acessar esse texto, com o título de "Pequeno Reino – Artigo 1", no *Blog do Luca*.

Esta discussão faz parte da proposta pedagógica "A História do Pequeno Reino", de Luca Rischbieter, que pode ser acessada no endereço: www.luca.br - Ilustrações Franklin Agostinho. ©2011 Luca Rischbieter. Todos os direitos reservados.